

O CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE O VÊNETO E O PORTUGUÊS EM SÃO BENTO DE URÂNIA, ALFREDO CHAVES, ES: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA

Edenize Ponzo Peres^{1*}

Katiúscia Sartori Silva Cominotti^{2*}

Maria Cristina Dadalto^{3*}

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a sócio-história da língua vêneta numa pequena comunidade rural do estado do Espírito Santo – São Bento de Urânia, um dos distritos do município de Alfredo Chaves. Para tanto, foram entrevistadas 62 pessoas nascidas e residentes na comunidade, divididas em quatro faixas etárias, dois níveis de escolaridade e dos dois sexos. Dentre os fatores apontados por autores do Contato Linguístico como favorecedores ou desfavorecedores da preservação da língua minoritária, analisamos aqueles que não estão diretamente relacionados às atitudes ou à avaliação da comunidade. Os resultados obtidos revelam que somente esses fatores não conseguem explicar o rápido desaparecimento do vêneto que está ocorrendo na localidade estudada.

Palavras-chave: Contato linguístico. Fatores de manutenção de línguas minoritárias. Imigração italiana no Espírito Santo.

Abstract: This work has for objective to analyze the socio-history of Venetian language in a small rural community in the State of Espírito Santo – São Bento de Urânia, a district of the municipality of Alfredo Chaves. To this end, we interviewed 62 people born and living in the community, divided into four age groups, two levels of education and of both sexes. Among the factors cited by the authors of Linguistic Contact favoring or unfavoring the preservation of the minority language, we analyzed those that are not directly related to the attitudes or to the community's evaluation. The results obtained revealed that only these factors cannot explain the rapid disappearance of the Venetian language, occurring in the studied location.

Keywords: Linguistic Contact. Maintenance factors of minority languages. Italian immigration in the State of Espírito Santo.

¹ Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e pós-doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2015). É Professor Adjunto na Graduação em Letras-Português da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015). É professora da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo.

³ Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2007). É Professor Adjunto na Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Introdução

No século XIX, o Espírito Santo recebeu imigrantes de diferentes nacionalidades, como alemães, poloneses, holandeses, suíços, italianos e árabes, o que, no final desse século, correspondeu a 25% de sua população. Do total de imigrantes, quase 80% era composta por italianos, provenientes, principalmente, das regiões do Vêneto, Lombardia e Trentino Alto Adige⁴.

Aos imigrantes foram destinados lotes de terra, inicialmente, na região central, montanhosa e desabitada do estado. Após muitos dias de caminhada fazendo picadas na mata virgem, famílias inteiras viram seus sonhos serem transformados em dolorosa realidade: era preciso um árduo trabalho para conseguir o que vieram buscar no outro lado do Atlântico.

A situação de abandono e de isolamento em que esses imigrantes se encontravam favoreceu, por muitas décadas, a preservação de suas tradições ancestrais, incluindo-se a língua. Entretanto, com o crescente contato dos imigrantes e seus descendentes com o nativo, as línguas de imigração italianas foram gradativamente sendo substituídas pelo português. Por outro lado, o pomerano, cujos falantes vivenciaram o mesmo contexto histórico e social dos italianos, continua sendo falado em vários municípios do estado.

Dessa forma, este estudo objetiva analisar os fatores que levaram à substituição do vêneto, a língua minoritária, pelo português, a língua majoritária e oficial. Para alcançarmos nossos objetivos, escolhemos a comunidade rural de São Bento de Urânia, um dos distritos do município de Alfredo Chaves, por ter-se mantido isolada por muitas décadas e, por isso, ainda conservar muitas características da língua e da cultura ancestral.

Este trabalho está dividido em quatro seções: na primeira, apontamos os principais fatos sobre a colonização do Espírito Santo, a fim de compreendermos a situação social e linguística encontrada pelos imigrantes; na segunda, apresentamos os procedimentos metodológicos realizados; na terceira, analisamos os fatores que podem levar à manutenção ou à substituição de uma língua minoritária; e, por fim, na quarta, tecemos nossas considerações finais.

Breve histórico dos contatos linguísticos no Espírito Santo

⁴ Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo – APEES. Acesso em 05 abr. 2015.

A Capitania do Espírito Santo teve por primeiro donatário Vasco Fernandes Coutinho, que aportou no que é hoje o município de Vila Velha, em 23 de maio de 1535. Segundo Saletto (2011), as informações sobre os povos que habitavam a capitania, no início da colonização, são raras e, em boa parte, contraditórias, mas é certo que aqui viviam tupiniquins, goitacazes, tupinambás e temiminós, sendo o tupi⁵ a língua de comunicação entre eles e os jesuítas, na catequese.

Já nos primeiros anos do século XVII, no governo de Francisco Aguiar Coutinho (de 1605 a 1627), iniciou-se o tráfico negreiro (MOREIRA; PERRONE, 2007). Os escravos eram encaminhados às grandes fazendas, que se localizavam no litoral ou eram pouco adentradas no interior, próximas a rios navegáveis, para facilitar a escoação da produção. De acordo com Conde (2009), a capitania não estava ligada ao tráfico negreiro internacional, isto é, os escravos que habitavam as fazendas, no fim do século XVIII, estavam lá há várias gerações. Tratava-se de casais com muitos filhos e estes também tinham prole extensa, todos convivendo juntos. Essas características da escravidão levam-nos a pensar que o contato entre o português e as línguas africanas se deu no século XVII e não foi mantido, com a vinda de novos escravos. Assim, as línguas de imigração italianas não entraram diretamente em contato com as africanas, no estado.

Outro fator importante para a compreensão dos contatos linguísticos ocorridos no Espírito Santo foi a condição que lhe foi imposta de defesa natural contra invasores estrangeiros e ladrões do ouro das Minas Gerais (MOREIRA; PERRONE, 2007). Dessa forma, ficaram proibidas as estradas que adentrassem a província e, por conseguinte, levassem pessoas para colonizar o seu interior. Por outro lado, a descoberta dessas jazidas, no início do século XVIII, provocou uma corrida do ouro entre os que aqui viviam. Assim, o Espírito Santo, que já era pouco povoado, viu seu contingente populacional ainda mais diminuído. Como consequência desses fatos, temos que, no início do século XIX, 90% das terras capixabas eram cobertas pela Mata Atlântica, e os 10% restantes eram habitadas por pessoas que ocupavam o litoral (MOREIRA; PERRONE, 2007)

⁵ Moreira e Perrone (2007) citam também os aimorés e afirmam que, na capitania, se falavam línguas de dois principais troncos: tupi e macro jê.

Segundo Moreira e Perrone (2007), o Espírito Santo permaneceu nessa situação até o ano de 1813, quando o então presidente da província, Francisco Rubim, com o intuito de estimular a ocupação da terra, trouxe dois grupos de açorianos para abrir uma estrada que ligaria Vitória a Ouro Preto. Entretanto, a imigração realmente se iniciou em 1847, com a vinda de 163 prussianos para a Colônia de Santa Izabel. Na década de 1850, foi estabelecida a Colônia de Santa Leopoldina, sendo-lhe destinados 140 suíços. E, por fim, em 1856, era fundada a Colônia de Rio Novo, que viria a ser colonizada, majoritariamente, pelos imigrantes italianos (OLIVEIRA, 2008). Estes, em número de quase 44.000 indivíduos, correspondiam a 25% da população capixaba, que, em 1900, era de 209.783 pessoas⁶. Mas, pelo fato de esse contingente populacional concentrar-se no litoral, a região centro-serrana foi composta basicamente pelos imigrantes e seus descendentes.

Os imigrantes aportavam geralmente em Vitória ou no porto de Benevente, atual município de Anchieta, ao sul do estado. Nagar (1895) informa que eles, ao chegarem, eram hospedados em uma espécie de albergue, com capacidade para, no máximo, setenta pessoas. Após alguns dias, eram distribuídos pelo interior do estado. Os imigrantes faziam uma longa travessia para chegarem a seu destino, caminhando por alagadiços e picadas nas densas matas virgens, subindo e descendo serras, guiados por tropeiros. Atravessavam rios caudalosos em canoas e muitos dormiam em troncos de árvores, forrados com algumas folhas.

Dentre as várias colônias formadas pelos imigrantes, a de Rio Novo era uma das maiores, dando origem à povoação de Alto Benevente, mais tarde denominada Vila de Alfredo Chaves. No último quartel do século XIX, as terras incultas de Alfredo Chaves eram o destino da maioria dos italianos que chegavam ao Espírito Santo⁷. Eles também desembarcaram no porto de Benevente e, depois de direcionados a outras regiões, desbravaram novamente a mata, conseguindo, por fim, seu pedaço de terra. A São Bento de Urânia eles chegaram, aproximadamente, no ano de 1888. Os imigrantes que aí se estabeleceram trabalharam arduamente para derrubar a mata, limpar o terreno e cultivar a terra.

⁶ Fonte: IBGE: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em 30 mar. 2015.

⁷ Depois de alguns anos, várias famílias de imigrantes se dispersaram pelas matas, em busca de novas terras, fundando o que se tornariam, mais tarde, diferentes municípios do estado.

Com o passar do tempo, a comunidade se desenvolveu, mas ainda hoje preserva muitas características que remetem ao local de origem, o Vêneto, na Itália: o modelo familiar patriarcal, a alimentação e as diversões depois do culto dominical, como os jogos de cartas, a bocha e a mora. Com relação à língua, no início da colonização do lugar, a comunicação se dava por meio das variedades vênetas. O português foi aprendido aos poucos, com os contatos comerciais e, muito mais tarde, na escola. Atualmente, as marcas da língua ancestral se fazem fortemente presentes na linguagem dos moradores da localidade.

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos seguidos para a execução desta pesquisa são:

A seleção da comunidade

A comunidade estudada é o distrito de São Bento de Urânia, localizado a 40 km da Sede de Alfredo Chaves. Sua escolha se deu por se tratar de uma comunidade que se manteve isolada por muito tempo, haja vista a dificuldade para se chegar ao local: a principal das duas vias de acesso ao lugar – que o liga à BR 262 – tem 11 km de muitas curvas, numa estrada asfaltada somente em 2006. A outra, que liga o distrito à Sede do município, é de terra batida, sem qualquer infraestrutura, cortando uma densa mata. Além disso, o distrito é o ponto geográfico mais alto do município, com quase 1000m de altitude, o que contribuiu para que o lugar se mantivesse totalmente desabitado até a chegada dos primeiros imigrantes. Sua população é de aproximadamente 900 pessoas, quase todos agricultores.

Atualmente, os moradores contam com uma escola municipal de Ensino Fundamental, um posto de saúde - com visitas médicas duas vezes ao mês -, duas igrejas - uma católica e uma adventista -, uma mercearia e uma pastelaria. Há aproximadamente 40 anos, chegava o rádio e, no mês de dezembro de 2014, foi instalada a primeira torre de telefonia celular na localidade. Entretanto, no dia a dia desses sujeitos, os hábitos e costumes do mundo rural se impõem, mesclando a cultura brasileira com antigas práticas dos imigrantes.

Os informantes

Para esta pesquisa, foram entrevistadas 62 pessoas - todas descendentes de imigrantes italianos originários do Vêneto -, de acordo com as seguintes características: faixa etária, sexo e nível de escolaridade. Pelo tipo de dados de que necessitávamos para este estudo, entrevistamos mais indivíduos das faixas etárias III e IV, conforme especificado no Quadro a seguir.

Faixa etária (em anos)	A - Até 4 anos de escolarização		B - 05 a 08 anos de escolarização		C - Acima de 08 anos de escolarização		Total
	F	M	F	M	F	M	
I - 08-14	2	2	2	2	-	-	08
II - 15-30	3	2	3	3	3	2	16
III - 31-50	2	4	3	4	3	3	19
IV - + 50	6	5	2	2	2	2	19
Total geral: 62 informantes							

QUADRO 1 – Informantes de São Bento de Urânia

A coleta e o tratamento dos dados

As entrevistas foram realizadas durante os anos de 2013 e 2014 e versaram sobre a história da comunidade, as lembranças da vida na Itália e no Brasil, os hábitos e tradições da família e dos ascendentes, e os sentimentos dos informantes em relação a suas origens. Dessa forma, foi possível traçar a história dos contatos culturais e linguísticos que aí ocorreram.

As entrevistas foram feitas na residência dos informantes, na escola ou no pátio da igreja, local onde os moradores se encontram depois das celebrações de domingo. Ao final, todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que pudessemos ter liberdade no uso das informações.

O referencial teórico

O contato entre línguas pode originar diferentes estudos. Neste, abordamos os fatores que podem levar à manutenção ou à substituição de uma língua minoritária, no intuito de traçarmos a sócio-história do vêneto em São Bento de Urânia. Para tanto, baseamo-nos, principalmente, em trabalhos de Weinreich (1970 [1953]), Fishman (1967, 1979, 1991, 2006), Giles et al (1977), Appel e Muysken (1996 [1987]), Fasold (1996 [1991]), Romaine (1995), Baker e Jones (1998), Coulmas (2005), Couto (2009) e Montrul (2013).

A análise dos dados

É reconhecida a dificuldade de se manter viva uma língua de imigração. Weinreich (1970 [1953]) foi o primeiro a estabelecer a Lei da 3ª Geração, segundo a qual a primeira geração de imigrantes é monolíngue na língua minoritária; a segunda é bilíngue; e a terceira, quando muito, entende a língua minoritária, mas fala somente a majoritária. Couto (2009) complementa essa perspectiva, dizendo que a quarta geração, frequentemente, não tem nenhum conhecimento da língua dos antepassados.

Entretanto, essa tendência pode ser alterada, dependendo de diversos fatores relacionados às características do grupo de imigrantes e do país receptor, as quais podem servir de ímpeto para a manutenção ou à substituição de uma língua minoritária. Os fatores que desencadeiam esses processos são muitos e não há, basicamente, diferenças entre as causas que levam a uma ou a outra consequência; portanto, elas devem ser citadas uma única vez (APPEL; MUYSKEN, 1996). Por outro lado, não será possível, neste trabalho, abordar todos os fatores listados pelos autores do Contato Linguístico; assim, trataremos apenas daqueles considerados objetivos, ou seja, independentes de avaliação social. Entretanto, antes de passar para esses fatores, é preciso descrever os usos da língua de imigração na comunidade estudada.

Os domínios de uso da língua minoritária

Em São Bento de Urânia, segundo os informantes, a língua de imigração ainda é falada pelos informantes das faixas etárias III e IV - acima de 30 anos -, com os parentes e amigos, em suas residências, na roça e na igreja, aos domingos, após a celebração. Isso é raro, entre as comunidades formadas por imigrantes italianos no Espírito Santo, e se deve, a nosso ver, ao isolamento a que os moradores foram submetidos por muitos anos. O quantitativo das respostas encontra-se na Tabela a seguir.

Tabela 1 – Uso declarado do vêneto em São Bento de Urânia

O vêneto ainda é falado em São Bento de Urânia?							
Sim		Não		Não souberam responder		Total de informantes	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	N	%
49	79	2	4	10	17	62	100

Vemos, na Tabela 1, que 79% dos informantes atestam que o vêneto ainda é falado na região, porém seu uso não se dá com os mais jovens. O número de informantes que não ouviram ou não souberam responder é de apenas 21%, e constatamos que esses correspondem ao grupo I, ou seja, a faixa etária de 08 a 14 anos. Também perguntamos aos informantes mais velhos se eles conseguiriam falar com outra pessoa em vêneto, e todos disseram que sim. Quando perguntamos onde o vêneto é falado, as respostas foram:

Tabela 2: Domínios de uso do vêneto

Em que lugares o vêneto é falado?		
Domínios	Número de citações	%
Quando se encontram, sem local específico	31	50
Lar	28	45
Igreja	5	8
Roça	2	3
Festas	1	1
Não souberam responder	13	20

Pela Tabela 2, observamos que a maioria dos informantes disse ouvir o vêneto quando as pessoas se encontram, sem lugar específico. Isso nos revela que, na comunidade, os domínios em si não são os determinantes para o uso do vêneto; as pessoas o falam quando há interlocutores e quando se sentem à vontade para fazê-lo. A seguir, apresentamos alguns depoimentos a respeito do uso da língua de imigração em São Bento de Urânia.

Excerto 1

- Ouço sim, na igreja, em casa, nos encontros. (Inf. 49, IV, M, C)⁸.
- Eu falava e meu marido também. [...] Na igreja muitos falam. [...] Na roça sai alguma coisa. (Inf. 51, IV, F, A).
- Os mais velhos [falam] quando se encontram porque os novatos não sabem nada não. (Inf. 56, IV, F, B).
- Troca⁹ as conversas tudo em italiano¹⁰, nas festas. (Inf. 57, IV, F, A).
- Nos lugares quando se encontra. Meu pai gosta de contar as histórias em italiano. (Inf. 59, III, M, B).

No início da colonização de São Bento de Urânia, os imigrantes não tinham conhecimento do português. Aos poucos, porém, a língua majoritária assumiu gradativamente o espaço do vêneto na comunidade. O português, para a geração mais jovem, tornou-se a “língua social”, a língua de que precisam para se comunicar com pessoas de diferentes lugares, aquela que eles ouvem nos meios de comunicação, na escola ou quando se encontram com os amigos da mesma idade. Appel e Muysken (1996) declaram que, no processo de substituição linguística, cada vez mais falantes usam a língua majoritária em âmbitos em que antes era empregada a minoritária. Pelos depoimentos acima, vemos que essa situação se aplica à pequena comunidade que estudamos.

Passaremos, então, à discussão dos fatores que podem levar à manutenção ou à substituição de uma língua de imigração e sua aplicação a São Bento de Urânia.

Fatores de manutenção/substituição de línguas de imigração**A localização da comunidade**

⁸ As siglas utilizadas referem-se, respectivamente, à identificação do informante, sua faixa etária, sexo e nível de escolaridade, conforme o Quadro 1.

⁹ A palavra *troca*, nesse relato, significa falar e responder, num diálogo.

¹⁰ Os informantes de nossas entrevistas referem-se ao vêneto como italiano. Quando dizem “falar italiano”, na realidade, estão dizendo “falar vêneto”.

A localização geográfica da comunidade é um importante fator a ser analisado, quanto à manutenção ou à substituição da língua ancestral. Fasold (1996) revela que, provavelmente, a localização geográfica em si mesma não seja um fator de manutenção ou substituição linguística, mas sim o modo de comunicação e a ausência ou presença de uma contínua pressão social para se usar a língua majoritária. Assim, os descendentes de imigrantes da zona rural, pelo maior distanciamento dos centros urbanos e, conseqüentemente, pela menor pressão social que recebem, conservam por mais tempo sua cultura e também sua língua.

O distanciamento dos centros urbanos é garantido pelo fato de a comunidade de São Bento de Urânia não contar com transporte coletivo para a localidade, o que faz com que as pessoas se locomovam em motocicleta ou carro próprios. E, ainda, poucas são as pessoas que saem com frequência dali para outros locais, como explicado adiante.

Por sua vez, a escola e o posto de saúde de São Bento de Urânia contam com profissionais nascidos e residentes na comunidade. Os professores e o diretor fizeram seu curso de graduação em Cachoeiro de Itapemirim, viajando todas as noites no transporte escolar oferecido pela Prefeitura de Vargem Alta¹¹.

Os depoimentos abaixo evidenciam o isolamento da comunidade.

Excerto 2

- O sogro falava que quando chegaram tinha muita capoeira, aí eles roçaram, plantaram. Vinham pelo rio, depois subiram a cavalo. Cada um se apossou de um pedaço de terra. Eles plantavam para se alimentar e criavam porco, boi, galinha para o consumo. (Inf. 23, IV, F, C).
- Aqui não tinha estrada. Se a pessoa passasse mal, levava no lençol. (Inf. 24, IV, F, C).
- Aqui não ouvi falar de índio. (Inf. 55, II, F, B).
- Ah... aqui encontrou pura mata, tinha nada e sabe o que eis fazia? O meu avô? Eles fazia um

¹¹ Devido à proximidade geográfica de São Bento de Urânia com alguns distritos do município de Vargem Alta, torna-se mais vantajoso viajar pelo transporte escolar oferecido por esse município, e não pelo de Alfredo Chaves.

paiolzinho alto assim por cima de folha, enfiava quatro pau e subia em cima. É de palmito alto assim de folha. Assim de folha... aí eles dormia, fazia fogo embaixo que tinha muitos bicho aqui [...] era tudo mata. (Informante 40, IV, M, A)

Pelo exposto, vemos que a localização de São Bento de Urânia e seu limitado contato com outras comunidades são fatores favorecedores da manutenção de seus costumes e da língua ancestral.

O número de falantes da língua minoritária e as redes sociais instauradas

Vários estudos de Contato Linguístico apontam que, em se tratando de uma língua minoritária, quanto menor o número de falantes, maior risco ela correrá de ser substituída pela língua oficial do país (UNESCO, 2003, p. 09), ou seja, uma população pequena tenderá a substituir sua língua materna com mais rapidez (GILES et al., 1977). Entretanto, em se tratando de uma comunidade rural, distante de outras localidades em que se fala a língua majoritária, esses poucos integrantes deverão manter contatos estreitos entre si, intensificando as redes sociais aí estabelecidas e, portanto, a língua minoritária poderá ser mantida.

O conceito de redes sociais foi desenvolvido nos anos 1960 e 1970 por antropólogos sociais, sendo introduzido nos estudos sociolinguísticos, como categoria de pesquisa, a partir de Milroy (1987 [1980]), com a finalidade de explicar a relação entre os padrões da manutenção do vernáculo e os padrões de mudança linguística, no decorrer do tempo (MILROY, 1987).

De acordo com o tipo de relação entre os integrantes, as redes sociais podem ser *densas* ou *frouxas*: quanto maior o número de pessoas que se conhecem e interagem em um grupo, maior o contato entre eles e mais densa será a rede. Por outro lado, numa comunidade em que poucas pessoas se conhecem e/ou travam contato, a rede será considerada frouxa.

Ainda de acordo com Milroy (1987), as redes de relacionamento dos membros de um grupo funcionam como reforço de seus valores linguísticos e culturais. Sendo assim, valemo-nos da noção antropológica de *redes sociais* no intuito de averiguar a densidade e o nível de contato entre os indivíduos de São Bento de Urânia dentro do grupo e destes com os de fora.

No início de sua colonização, no século XIX, os primeiros imigrantes de São Bento de Urânia não encontraram nada além de mata fechada e animais selvagens, como já exposto. O comércio de mercadorias era feito na base de trocas entre os vizinhos, sendo que alguns poucos moradores levavam os produtos ali produzidos para serem comercializados fora da comunidade. Muitos anos depois, segundo relatos dos informantes, começaram a passar os mascates. Dessa feita, os contatos com estranhos eram raros. Sendo os imigrantes originários da mesma região da Itália, as variedades vênetas puderam ser mantidas por vários anos.

Atualmente, a quase totalidade de seus moradores é formada por famílias de agricultores. Na maioria das vezes, o trabalho de plantio ou de colheita é feito pela própria família proprietária da terra.

Os adultos pouco saem da comunidade: alguns agricultores comercializam seus produtos e os dos vizinhos na CEASA, duas vezes por semana; transações comerciais e bancárias e consultas médicas especializadas são feitas no município de Marechal Floriano, que faz divisa com São Bento de Urânia. Essas saídas da comunidade são esporádicas. As saídas constantes são feitas por poucas pessoas, como cerca da metade dos adolescentes, que passaram a estudar o ensino médio fora dali a partir de 2000. Fora essas atividades, a maioria da população passa seus dias na comunidade.

Em outras palavras, os moradores, até hoje, trabalham, negociam, se relacionam e se divertem ali mesmo, com os vizinhos, familiares e amigos, mantendo uma rede densa de relações.

O caráter permanente ou temporário da imigração

Conforme atestam os autores do Contato Linguístico, o caráter permanente ou temporário da imigração exerce influência na manutenção ou na substituição da língua de imigração, tendo em vista que os imigrantes que pretendem retornar ao seu país provavelmente irão envidar esforços para continuar falando sua língua. Ao contrário, aqueles que pretendem se estabelecer no novo país tentarão aprender a língua majoritária para se comunicar com as demais pessoas, independentemente de manterem ou não sua língua materna.

Em relação a São Bento de Urânia, a imigração italiana teve um caráter permanente, pelos seguintes fatores:

- a) as graves consequências da crise por que passava a Itália, no século XIX, gerava uma real falta de oportunidades de uma vida digna naquele país, e sua lembrança era recente para os imigrantes;
- b) estes, em sua maioria, eram pobres, e a viagem havia consumido todas ou praticamente todas as suas economias. Assim, não tinham dinheiro para voltar e, principalmente, recomeçar a vida no país de origem;
- c) voltar sem dinheiro significaria, para eles, assumir que haviam fracassado, que se enganaram. Dessa forma, o sentimento de vergonha, de humilhação, certamente pesou na decisão de permanecerem no novo destino¹²; e
- d) apesar da decepção causada pela distância entre as promessas feitas pelos agentes de recrutamento, na Itália, e a realidade encontrada, os primeiros imigrantes, ao se instalarem em São Bento de Urânia, receberam seu pedaço de terra e passaram a ser donos dele. Essa situação era melhor do que a vida que levavam na Europa.

Os depoimentos a seguir retratam a situação vivenciada pelos imigrantes.

Excerto 3

– Aqui dava terra. Depois tiveram uma grande decepção. Eles não tinham onde ficar nem morar, mas voltar, jamais. (Inf. 1, III, M, C).

– Eles vieram porque lá era difícil, tentaram vir para cá para ter uma vida melhor. Não se arrependeram porque lá eles passavam fome. (Inf. 22, III, F, A).

– Vieram da província de Veneza. Diz que se as pessoas fosse ruim, eles botavam no navio e mandavam embora. Lá era difícil o trabalho e contaram que no Brasil tinha muita terra e vieram para cá. (Inf. 28, IV, M, C).

– Vieram para pegar terra [...] Não puderam voltar, não tinha condições. (Inf. 41, IV, M, A).

¹² Franzina (2006) aborda a polêmica surgida na Itália com respeito à emigração em massa com destino à América: enquanto uma corrente instava os italianos a partir definitivamente, outra corrente – representada por proprietários de terras, uma parcela da igreja e alguns políticos – fazia campanhas para a permanência desse contingente populacional. Assim, os italianos estavam cientes dos riscos de sua partida do país.

– Segundo a nonna, [vieram] devido à crise na Europa. E no Brasil tinha fartura e o governo aqui dava terra [...] Voltar jamais foi cogitado. (Inf. 52, III, M, C).

Pelos relatos dos informantes, percebemos que, mesmo com as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, eles permaneceram em suas terras, confirmando o caráter permanente da imigração em São Bento de Urânia.

O apoio institucional

Appel e Muysken (1996) e Fasold (1996), dentre outros, afirmam que o apoio institucional a uma língua minoritária desempenha um importante papel na sua manutenção.

Em diversos países bi ou multilíngues, as línguas minoritárias têm o direito de ser usadas por seus falantes. Assim acontece em sociedades democráticas, o que não era o caso do Brasil, durante a era ditatorial do governo de Getúlio Vargas. O decreto nº 406, de 04 de maio de 1938, dentre outras restrições aos estrangeiros no país, estabelecia que as línguas minoritárias não poderiam ser faladas em locais públicos; que os meios de comunicação de massa não deveriam ser editados nessas línguas; e que não poderiam ser ensinadas a crianças menores de 14 anos.

Aliado a esses impedimentos está o fato de que, em São Bento de Urânia, nunca circularam jornais escritos em vêneto, e os poucos livros que os antigos moradores tinham se resumiam à Bíblia e outros livros religiosos, escritos em italiano padrão. Atualmente, o rádio, a televisão, os jornais e os livros são totalmente disponibilizados em português, e esta é a única língua de comunicação nas poucas instituições governamentais que lá existem - a escola e o posto de saúde.

Com relação à escola, é fundamental seu papel na preservação da língua minoritária. Quando a escola favorece a competência linguística das crianças na língua minoritária, e se elas aprendem a ler e a escrever nessa língua, a instituição escolar favorecerá sua manutenção (APPEL; MUYSKEN, 1996). Entretanto, isso não se deu em São Bento de Urânia.

Atualmente, os moradores demonstram preocupação com o fato de não haver incentivo, por parte da instituição escolar, ao aprendizado do vêneto ou do italiano padrão, como podemos verificar nos depoimentos abaixo:

Excerto 4

- Tinha que ter na escola. (Inf.39, III, M, A).
- Seria importante preservar para isso devia ter aula na escola. (Inf.42, III, F, C).
- Eu acho que os municípios erram. As escolas em vez de ensinar inglês era para a descendência. Eles eram para ensinar o italiano, que a descendência é 99%. Para nós o básico deveria ser italiano. (Inf.45, II, F, C).

Assim, em São Bento de Urânia, nunca houve apoio institucional para a preservação da língua de imigração.

O uso da língua de imigração em família

Giles et al. (1977) defendem que a família é o âmbito mais importante para o uso das línguas minoritárias e, se aí for preservada, isso ajudará no processo de sua manutenção. Também Fishman (1967) enfatiza o tipo de casamento como condição básica para manutenção da língua-mãe de grupos minoritários. Fishman (1991) diz que somente quando a língua é passada para o indivíduo em casa há chance de sobrevivência.

Desse modo, os matrimônios interétnicos podem ter um efeito decisivo na porcentagem de falantes que mantêm uma língua minoritária, pois a língua de maior prestígio tem mais possibilidades de sobreviver como língua familiar e, portanto, como primeira língua dos filhos. Assim, esse tipo de matrimônio pode levar à substituição de uma língua muito rapidamente.

Em se tratando da comunidade de São Bento de Urânia, a língua minoritária poderia ter-se mantido nos lares, tendo em vista que a localidade foi desbravada e colonizada apenas por imigrantes italianos da região do Vêneto. Por outro lado, a dificuldade de contato desses imigrantes com outras etnias dava poucas chances para casamentos mistos.

Observamos essa questão como um fator importante na realização dos casamentos, pois o preconceito distanciou a possibilidade de mistura de etnias. Dessa forma, os casamentos endogâmicos, pelo menos no início da colonização, favoreceram a

manutenção da língua minoritária e deveriam atuar assim, mas isso, na realidade, não se verificou. A substituição linguística no âmbito do lar, então, nos leva a uma outra questão: a transmissão da língua.

Segundo Fishman (1967), a transmissão da língua materna de pais para filhos é uma das manifestações de identidade mais óbvias e, por conseguinte, um importante fator de manutenção da língua minoritária. Segundo esse autor, uma comunidade bilíngue não pode manter duas línguas sobre uma base estável após três gerações, se elas estiverem sendo usadas nas mesmas funções sociais.

Fasold (1996), com respeito à transmissão intergeracional, afirma que, ainda que haja um bom número de falantes da língua minoritária, a ameaça de uma mudança linguística torna-se realidade se esses indivíduos não conseguirem transmitir a língua a seus filhos. Essa opinião é corroborada por Montrul (2013, p. 33): “o uso da língua na família e a sua transmissão para os filhos e para as futuras gerações também determinam o grau de manutenção ou de perda de uma língua num contexto bilíngue”¹³.

Nossos dados apontam para o rápido desaparecimento da língua ancestral, uma vez que o vêneto não foi transmitido às gerações mais jovens – abaixo de 30 anos. Segundo os informantes mais idosos, as gerações mais novas não tiveram interesse em aprendê-lo, porém os mais jovens negam, afirmando que gostariam de tê-lo aprendido e de falá-lo. Esses dados apontam para a importância das relações dentro de casa e também para o papel da mulher no lar e na comunidade. É o nosso próximo tópico.

A (des)semelhança linguística e cultural entre os grupos

Appel e Muysken (1996), com base em pesquisas de Clyne (1982), apontam para a importância da (dis)similaridade cultural, na análise da manutenção ou da substituição linguística. De acordo com esses autores, quando as culturas em contato são semelhantes, existe uma tendência maior à integração cultural e, conseqüentemente, à substituição da língua minoritária.

Com relação ao contato cultural e linguístico ocorrido em São Bento de Urânia, como dissemos, por serem eles os únicos moradores da região, não tiveram que se deparar com a questão da manutenção ou da substituição da língua e da cultura materna.

¹³ El uso de la lengua en familia y la transmisión de la lengua a los hijos y a las futuras generaciones también determinan el grado de mantenimiento o pérdida de una lengua en un contexto bilingüe.

Assim, os imigrantes as mantiveram por muitos anos, mas, com o passar do tempo, tiveram contato com o elemento nacional e a adaptação foi inevitável. O contato com o português se deu com a compra e venda de produtos e, mais tarde, na escola. Nessas situações, a língua minoritária foi sendo confrontada com a majoritária e perdendo terreno para esta gradativamente.

Assim, para respondermos à pergunta se a (des)semelhança linguística e cultural favoreceu a manutenção do vêneto, na comunidade, reportemo-nos à situação de outros imigrantes no Espírito Santo:

- a) algumas comunidades de pomeranos mantiveram sua língua, independentemente de se tratar de zona urbana ou rural (cf. BREMENKAMP, 2014), ao passo que outras, não;
- b) numa situação de contato entre descendentes de imigrantes italianos e de pomeranos, na zona rural do município de Laranja da Terra, os primeiros adotaram o pomerano como língua de comunicação (KUSTER, 2014);
- c) falantes das variedades de alemão das zonas urbanas as substituíram pelo português, mas, nas zonas rurais, essas línguas ainda podem ser ouvidas;
- d) nas zonas urbanas, o vêneto pouco ou não mais existe, mas nas zonas rurais, sim. Em São Bento de Urânia, informantes de 31 a 50 anos afirmam saber falá-lo.

Vemos, assim, que a (des)semelhança cultural e linguística não é um fator primordial para a substituição de uma língua minoritária.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, neste trabalho, dos fatores que levam à manutenção ou à substituição linguística, elencados por autores do Contato Linguístico, temos três favorecedores: a) devido à sua localização geográfica, a comunidade manteve poucos contatos com pessoas de fora; b) as redes sociais densas aí instauradas favoreceriam a preservação da língua de imigração; e c) o uso da língua minoritária poderia ser preservado no âmbito da família, com a transmissão intergeracional.

Também três fatores favoreceriam a substituição do vêneto pelo português, na comunidade: a) o caráter permanente da imigração; b) a falta de apoio institucional para a preservação da língua; e c) a semelhança cultural entre os grupos minoritário e

majoritário. Entretanto, como evidenciamos em nossa análise, outras comunidades de imigrantes do Espírito Santo, vivenciando o mesmo contexto social, cultural e histórico que os italianos, mantiveram a língua de imigração e tornaram-se bilíngues.

Conclui-se, portanto, que, mais fortes que os fatores considerados objetivos para a preservação de línguas de imigração, minoritárias, estão os sentimentos e atitudes do grupo em relação a seus pares, sua cultura e sua língua. Essas questões são muito importantes, mas não será possível tratá-las aqui. Em trabalhos futuros, esses aspectos serão retomados e discutidos.

Referências

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. In: <http://www.ape.es.gov.br>. Acesso em 05 abr. 2015.

BAKER, C.; JONES, P. S. **Encyclopedia of bilingualism and bilingual education**. Clevedon, Avon, UK: Multilingual Matters, 1998.

BREMENKAMP, E. S. **Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo**. 2014. [Dissertação]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2014.

CHAMBERS, J. **Sociolinguistic theory**. 2. ed. Oxford, Cambridge: Blackwell, 2003.

CLYNE, M. **Multilingual Australia**. Melbourne: River Seine Publications. 1982.

COMINOTTI, K. S. S. **O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica**. 2015. [Dissertação]. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, 2015.

CONDE, B. S. Senhores de fé e de escravos: a escravidão nas fazendas jesuíticas do Espírito Santo. In: **Anais do 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Curitiba: UFPR, 13-15 maio, 2009. p. 01-10. Disponível em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos4/brunosantosconde.pdf>. Acesso em 03 mar. 2014.

COULMAS, F. **Sociolinguistics; the study of speakers' choices**. Cambridge: Cambridge Press, 2005.

COUTO, H. H. do. **Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas.** São Paulo: Contexto, 2009.

FASOLD, R. **La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística.** Tradução de Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor libros, 1996.

FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. **Journal of Social Issues**, 23(2), 1967. p. 29-38

_____. **Sociología del language.** Tradução de Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno. Madrid: Catedra, 1979.

_____. **Reversing language shift: theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages.** Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

_____. **Language Loyalty, Language Planning and Language Revitalization: Recent Writings and Reflections from Josua A. Fishman/Edited by Nancy H. Hornberger and Martin Pütz.** Clevedon, England: Multilingual Matters LTD, 2006.

FRANZINA, E **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil.** Tradução de Edilene Toledo e Luigi Blondi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

GILES, H. et al. Towards a theory of language in ethnic groups relations. In: ____ (ed.). **Language, ethnicity and intergroup relations.** Londres: Academic Press, 1977.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 20 set. 2014.

KUSTER, I. M. **O contato entre o dialeto vênето e o português na zona rural de Joatuba, Laranja da Terra - ES.** Trabalho de Conclusão de Curso, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MILROY, L. **Language and social networks.** 2 ed. New York: Basil Blackwell, 1987.

MONTRUL, S. **El bilingüismo en el mundo hispanohablante.** West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.

MOREIRA, T. H.; PERRONE, A. **História e geografia do Espírito Santo.** 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.

NAGAR, C. **O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana**: Relato do Cavaleiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória. Vitória: APEES, 1895.

OLIVEIRA, G. M. (Org.). **Declaração universal dos direitos linguísticos**: novas perspectivas em políticas linguísticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

PERES, E. P. Aspectos sócio-históricos do contato entre o dialeto vêneto e o português no Espírito Santo. **Revista (Con)textos linguísticos** (Ufes), v. 8, p. 53-71, 2014.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. Second Edition. Oxford, England: Blackwell, 1995.

SALETTI, N. Donatários, colonos, índios e jesuítas; o início da colonização do Espírito Santo. Vitória: APEES, 2011. Disponível em www.ape.es.gov.br. Acesso em 04 mar. 2014.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**. Findings and Problems. With a preface by André Martinet. 7th ed. Paris: Mouton, 1970 [1953].

Artigo recebido em: 31/08/2015

Artigo aceito em: 16/11/2015

Artigo publicado em: 28/12/2015